



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/07/2024 e 18/07/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/07/2024	11,34	368,50	47,55	5,38	4,00
15/07/2024	10,78	333,80	46,42	5,32	3,90
16/07/2024	10,90	335,40	46,70	5,30	3,95
17/07/2024	10,97	339,10	46,21	5,39	3,98
18/07/2024	10,98	337,20	46,45	5,35	3,91
Média	10,99	342,80	46,67	5,35	3,95

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	117,00	
RS – Não Me Toque	117,00	
RS – Londrina	117,00	
PR – M.C.Rondon	117,00	
MT – C.N.Parecis	114,00	
MS – Maracaju	121,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	116,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	61,50	CIF
Porto de Paranaguá	57,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	54,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	47,00	
PR – Londrina	47,00	
MT – C.N.Parecis	37,00	
MS – Maracaju	49,00	
SP – Itapetininga	51,00	
SP – Campinas	55,00	CIF
GO – Rio Verde	44,00	
GO – Jataí	44,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	67,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 17/07/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 18/07/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,96	119,02	68,88

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
18/07/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	111,58
Feijão (saco 60 Kg)	292,67
Sorgo (saco 60 Kg)	ND***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,22
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,65**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,00

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Maio/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (18) com o bushel valendo US\$ 10,98 (o mesmo chegou a atingir US\$ 10,78 no dia 15/07), contra US\$ 11,42 uma semana antes. Ou seja, tivemos mais uma semana de baixas naquela Bolsa. Em quase todos os dias da semana o mercado trabalhou abaixo dos US\$ 11,00/bushel, situação que não era vista desde a primeira semana de novembro de 2020, ou seja, há quase quatro anos.

Auxiliou este movimento os números do relatório de oferta e demanda para 2024/25, anunciado pelo USDA no dia 12/07. O mesmo reduziu um pouco a futura safra dos EUA, passando a mesma para 120,7 milhões de toneladas, contra a projeção de 121,1 milhões feita em junho. Já os estoques finais da oleaginosa, nos EUA, foram reduzidos para 11,8 milhões, contra 12,4 milhões de toneladas em junho. Lembrando que os mesmos encerram o ano de 2023/24 estimados em 9,4 milhões de toneladas. A produção mundial de soja fica, agora, estimada em 421,8 milhões de toneladas, contra 395,4 milhões no ano anterior. E os estoques finais mundiais chegam a 127,8 milhões neste novo ano comercial 2024/25, contra 111,2 milhões no ano anterior. A produção brasileira está projetada em 169 milhões de toneladas e a da Argentina em 51 milhões. Já a importação da China foi mantida em 109 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio da soja, aos produtores dos EUA, para o ano 2024/25, foi levemente reduzido para US\$ 11,10/bushel.

Dito isso, as condições das lavouras estadunidenses de soja se mantiveram em 68% entre boas a excelentes, na data de 14/07. No ano passado, nesta mesma data, as mesmas estavam em 57%. Por outro lado, 51% das lavouras estavam na fase de floração e 18% em formação de vagens.

Por outro lado, na semana encerrada em 11 de julho, os embarques de soja, por parte dos EUA, somaram apenas 168.593 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado. Assim, por enquanto, na totalidade do atual ano comercial o volume já exportado soma 49,9 milhões de toneladas, ou seja, 16% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Já a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA informou que, em junho, o esmagamento de soja naquele país somou 4,78 milhões de toneladas, ficando abaixo do registrado no mês anterior, quando foram cinco milhões. Ainda, para o mês de junho, o volume foi recorde, registrando um aumento de 6,2% em relação ao mesmo período de 2023. A NOPA também informou que os estoques de óleo de soja nos EUA, em junho, recuaram 4% em relação a igual mês do ano passado.

E pelo lado da demanda, a China informou que suas importações de soja, em junho, aumentaram 10,7% sobre o mesmo mês de 2023. O maior importador de soja do mundo comprou 11,1 milhões de toneladas em junho, em comparação com 10 milhões de toneladas no ano anterior. Já os embarques chineses de soja, no primeiro semestre do ano, caíram 2,2% em relação ao ano anterior, ficando em 48,5 milhões de toneladas, segundo dados da Administração Geral de Alfândega da China. Para todo o mês de julho espera-se compras entre 12 e 13 milhões de toneladas da oleaginosa, contra 9,7 milhões em igual mês do ano passado. A China se preocupa diante da

possibilidade de uma vitória eleitoral de Trump nos EUA, que no mandato anterior criou um forte impasse comercial entre os dois países, e vem antecipando suas importações.

Já no Brasil, apesar de o Real ter se desvalorizado na semana, superando o patamar dos R\$ 5,50 por dólar em determinados momentos, os preços da soja recuaram mais um pouco. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 119,02/saco, enquanto as principais praças do RS trabalharam entre R\$ 116,00 e R\$ 117,00. Nas demais regiões do país o preço da oleaginosa oscilou entre R\$ 113,00 e R\$ 121,00/saco.

Dito isso, as primeiras projeções nacionais sobre a futura safra de soja dão conta de um aumento de 1,9% na área semeada, com a mesma passando para o recorde de 47,33 milhões de hectares. Em clima favorável, esta área poderá permitir uma produção recorde de 171,5 milhões de toneladas, ou seja, cerca de 20 milhões acima da parcialmente frustrada safra deste último ano. (cf. Safras & Mercado)

Por sua vez, a Abiove reviu suas estimativas de produção relativas a última safra, indicando um volume final, colhido, de 153,2 milhões de toneladas. Este volume é superior ao que muitas outras consultorias privadas indicam. A Associação igualmente apontou que os estoques finais de soja, no corrente ano comercial, fechariam em 4,8 milhões de toneladas. Enquanto isso, as exportações brasileiras do produto somariam 97,8 milhões de toneladas e o esmagamento 54,5 milhões. Com isso, a exportação total de farelo de soja, por parte do Brasil, chegaria 21,7 milhões de toneladas em 2024.

Enfim, estudo da consultoria Cogo Inteligência em Agronegócios aponta que, apesar das dificuldades, muitos produtores de soja brasileiros estão obtendo margens positivas. No Cerrado, por exemplo, a margem bruta, calculada sobre o custo operacional, estaria em 27%, o que garante, em média, cerca de US\$ 350,00/hectare. Obviamente, bem mais baixa do que os US\$ 1.000,00/hectare obtidos durante os altos preços no período da pandemia, mas, segundo a Consultoria, ainda aceitáveis na média daquela região. Muito disso se deve a estratégia de comercialização, onde os produtores, em boa parte, usam o sistema de construção de uma média de preço, ao vender escalonadamente sua produção.

Neste sentido, segundo ainda a citada consultoria, as vendas antecipadas, relativas a nova safra, estão atrasadas, atingindo a 20% da produção esperada, contra 30% a 35% que tem sido a média histórica para este período. Aliás, a compra de insumos ainda estaria em aberto entre 25% a 35%. Lembrando que, com a desvalorização recente do Real, a relação de troca piorou, com o poder de compra dos insumos se deteriorando, ou seja, as margens pioraram para quem ainda não havia comprado os insumos quando iniciou a perda de valor de nossa moeda. Assim, as margens indicadas anteriormente não servem para estes produtores, por serem mais baixas.

Para se ter uma ideia, segundo Brandalitze Consulting, “há três meses, os insumos estavam cerca de 30% mais baratos, as relações de troca estavam variando de 22 a 25 sacos de soja. Quem fez trocas neste intervalo, fez boa troca. Quem está deixando para última hora vai pagar mais caro. É um ano apertado”. Assim, “com todas as principais regiões produtoras do país com preços na casa dos R\$ 100,00 por saca, para quem já adquiriu seus insumos, as margens são positivas. Já para aqueles que ainda vão fazer suas compras, precisariam encontrar níveis acima dos R\$ 110,00 no

interior do país”, o que não está fácil em muitas regiões. O produtor precisa ficar atento às janelas de preços mais altos, que são poucas e curtas, nesta safra.

Por sua vez, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), informou, no dia 15/07, que a estimativa do custeio da soja 2024/25 no Mato Grosso chegou a R\$ 3.983,89/ha, registrando uma alta de 0,54% em relação ao mês anterior. "Esse incremento na despesa está atrelado ao aumento nos preços dos fertilizantes e corretivos no estado, principalmente dos macronutrientes, que apresentaram alta de 1,31% sobre maio/24. Além disso, o Custo Operacional Efetivo (COE) apresentou incremento de 0,44% em relação ao mês anterior, estimado em R\$ 5.511,79/ha." Isso sem considerar os custos fixos.

Assim, somente com o Custo Operacional, o Imea estima que o produtor do Mato Grosso deverá negociar sua soja com preços de, no mínimo, R\$ 95,08 por saco para conseguir cobrir o mesmo, ou alcançar uma média mínima de produtividade de praticamente 53 sacos por hectare.

"Hoje, no Cerrado, o ponto de equilíbrio, para quem já comprou insumos, subiu e está, para 2024/25, em 51 sacos para pagar o custo operacional efetivo. Se produzir 65, sobram 14, muito parecido com o que foi a safra passada. Ou seja, haveria uma sobra que não é grande, sendo que para quem é arrendatário não dá, não fecha a conta. Para quem é proprietário tem alguma sobra." (cf. Cogo Inteligência em Agronegócios) Assim, a gestão da propriedade e da cultura da soja tem que ser, como sempre, muito bem feita.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho em Chicago, para o primeiro mês cotado, recuou abaixo dos US\$ 4,00/bushel durante a semana, fechando a quinta-feira (18) em US\$ 3,91/bushel, contra US\$ 4,06 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 12/07, trouxe os seguintes números para o milho, relativos a futura safra 2024/25:

- 1) a produção do cereal nos EUA foi revista para cima, ficando agora em 383,6 milhões de toneladas, ganhando cerca de 6 milhões de toneladas sobre a estimativa de junho;
- 2) os estoques finais dos EUA foram mantidos em 53,3 milhões de toneladas, contra 47,7 milhões no ano anterior;
- 3) a produção mundial de milho subiu para 1,225 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficaram em 311,6 milhões, com aumento de cerca de um milhão de toneladas sobre junho;
- 4) a produção brasileira de milho está projetada em 127 milhões de toneladas, com exportações em 49 milhões de toneladas;
- 5) a produção e exportação da Argentina ficariam, respectivamente, em 51 e 36 milhões de toneladas;

6) com isso, o preço médio do milho, para os produtores estadunidenses, seria de US\$ 4,30/bushel neste novo ano comercial.

Dito isso, no dia 14/07 as lavouras de milho dos EUA também estavam com 68% entre boas a excelentes, contra 57% no ano passado. 41% destas lavouras estavam na fase de embonecamento.

Por outro lado, na semana encerrada em 11/07, as exportações estadunidenses de milho atingiram a 1,08 milhão de toneladas, ficando próximas do intervalo superior esperado pelo mercado. Assim, o total já embarcado, no atual ano comercial, chega a 44,6 milhões de toneladas, representando 31% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, a colheita da segunda safra de milho deste ano atingiu a 74% da área no Centro-Sul brasileiro, no dia 11/07. (cf. AgRural) Já no Paraná, segundo o Deral, 67% das lavouras da safrinha já foram colhidas. Do que falta colher, 43% estão em boas condições, 36% em situação média e 21% ruins. E no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, a colheita atingia a 40,4% da área total até o início da presente semana, estando bem adiantada em relação ao ano anterior. Das lavouras a colher, 39,8% estavam em boa situação, 25,8% regulares e 34,4% ruins. O Estado ainda espera uma colheita final da safrinha de 11,4 milhões de toneladas, o que corresponde a 19,2% a menos do que o colhido em 2023.

Enfim, a Secex informou que nos primeiros 10 dias úteis de julho o país exportou 848.856 toneladas de milho, com a média diária ficando 57,9% abaixo da média obtida em todo o mês de julho do ano passado. Dito isso, a Anec elevou para 4,5 milhões de toneladas o total a ser exportado, em milho pelo Brasil, neste mês de julho.

Nos primeiros seis meses de 2024 o Brasil exportou 8,3 milhões de toneladas de milho, volume que é 28% menor do que os 11,7 milhões exportados na mesma época do ano passado. Contrariando o relatório do USDA, a Anec espera que o Brasil consiga exportar cerca de 40 milhões de toneladas do cereal em 2024, contra 56 milhões no ano anterior. Espera-se que os volumes exportados aumentem neste segundo semestre.

Pelo lado da comercialização do cereal, até o começo de julho apenas 36,1% da segunda safra havia sido negociado, contra 40,2% na safra passada e 59% na média dos últimos três anos. (cf. StoneX) Os baixos preços do cereal estariam desestimulando os produtores a vender. Apenas uma desvalorização mais acentuada do Real poderia levar a um aumento na comercialização do cereal, pois a mesma tende a melhorar o preço de exportação do produto.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, se mantiveram em baixa nesta semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (18) em US\$ 5,35/bushel, contra US\$ 5,54 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/07, trouxe, para o ano comercial 2024/25, os seguintes números para o cereal:

- 1) a produção dos EUA foi aumentada em 3,7 milhões de toneladas, passando a 54,7 milhões;
- 2) os estoques finais estadunidenses de trigo cresceram para 23,6 milhões de toneladas;
- 3) a produção mundial de milho subiu pra 796,2 milhões de toneladas, ganhando cerca de 6 milhões sobre a estimativa de junho;
- 4) os estoques finais mundiais, com isso, subiram para 257,2 milhões, ganhando cerca de 5 milhões de toneladas;
- 5) a produção brasileira seria de 9,5 milhões de toneladas e as exportações de 3 milhões;
- 6) as importações brasileiras de trigo somariam 5,5 milhões de toneladas;
- 7) a produção e a exportação argentina de trigo somariam, respectivamente, 18 e 11,5 milhões de toneladas;
- 8) assim, o preço médio, aos produtores estadunidenses de trigo, neste novo ano comercial, caiu para US\$ 5,70/bushel.

Afora isso, o USDA divulgou que, no dia 14/07, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 71% da área, contra 62% na média histórica. Já as condições das lavouras de trigo de primavera, naquele país, na mesma data, registravam 77% entre boas a excelentes, 20% regulares e 3% ruins.

Por outro lado, os EUA haviam embarcado, na semana encerrada em 11/07, um total de 533.828 toneladas de trigo, superando as expectativas do mercado. Com isso, o total exportado no atual ano comercial chegou a 2,3 milhões de toneladas, ficando 26% acima do exportado no mesmo período do ano anterior.

Já na Argentina, o clima seco do mês de julho tende a atingir fortemente, de forma negativa, a produção de trigo local, segundo a Bolsa de Comércio de Rosário. A Bolsa cortou em 200.000 hectares a semeadura do cereal, com a mesma ficando em 6,72 milhões de hectares. Com isso, os argentinos esperam uma produção final ao redor de 20,5 milhões de toneladas de trigo. Como se nota, bem acima da estimativa feita pelo USDA, em seu último relatório, que é de 18 milhões de toneladas. Lembrando que o vizinho país é o principal exportador de trigo para o Brasil, tendo vendido, no ano passado, 2,26 milhões de toneladas do cereal para nós, a partir de uma colheita parcialmente frustrada em 2023/24, que teria atingido cerca de 15 milhões de toneladas. A Bolsa de Rosário alerta ainda que o atual inverno poderá ser o mais severo dos últimos 60 anos naquele país. Ora, isso poderá atingir o sul do Brasil e suas lavouras de trigo.

E falando em Brasil, os preços do cereal, por aqui, se mantiveram estáveis nesta semana, com o Rio Grande do Sul registrando valores entre R\$ 67,00 e R\$ 68,00/saco, enquanto no Paraná o produto se manteve entre R\$ 75,00 e R\$ 76,00/saco.

As chuvas voltaram em grande quantidade no Paraná e Santa Catarina, enquanto no Rio Grande do Sul se iniciou um período seco e frio, o que é bom para a cultura do trigo neste momento. O problema é a falta de sol, já que o surgimento do mesmo tem sido escasso nestes últimos tempos no estado gaúcho. Isso pode atingir a produtividade do cereal.

Por outro lado, segundo a Secex, no acumulado do primeiro semestre do ano o Brasil importou 3,37 milhões de toneladas de trigo, contra 2,1 milhões no ano passado. Esse volume importado até o momento, em 2024, é o maior desde 2012. Ao mesmo tempo, as exportações brasileiras do cereal também foram recordes no primeiro semestre de 2024, atingindo a 2,48 milhões de toneladas, especialmente de trigo gaúcho.

Enfim, e de forma geral, os preços do trigo no Brasil apresentam variações conforme as diferentes regiões do país, como de costume. Por enquanto, segundo a Conab, haverá forte redução na área semeada neste ano. Isso ocorre devido aos baixos preços, risco climático, falta de sementes e prejuízos obtidos na safra anterior. Assim, segundo o órgão público, a área total deverá recuar 11,6% no país. Mas espera-se que, se o clima for positivo, a produtividade aumente 25,1% em relação ao ano anterior, indo para 2.917 quilos/ha (48,6 sacos/ha). Caso ela se confirme, a produção pode chegar a quase 9 milhões de toneladas, ou seja, 10,6% acima do ano anterior, porém, menor do que o relatório do USDA acaba de indicar.